

seminários **folha**  
\_fórum exploração sexual infantil

# INFÂNCIA VENDIDA

Os instrumentos de combate à violência sexual contra crianças e adolescentes evoluem, mas a cultura machista, a falta de dados e de estrutura e o próprio modelo federativo atrapalham o avanço das políticas de proteção no país, segundo diagnóstico do fórum organizado pela **Folha** para debater o problema **Págs. 12 e 13**

## MENINAS DOS RIOS

No Pará, crianças ribeirinhas fazem sexo com passageiros e tripulantes de balsas em troca de comida e combustível **Págs. 2 a 5**

## DISQUE 100

Relatos selvagens são rotina no trabalho de atendentes do serviço de denúncias **Págs. 10 e 11**

## A VOZ DA VÍTIMA

Nova lei facilita depoimentos ao evitar constrangimento e ainda mais trauma em interrogatórios **Pág. 8**

JOANA CUNHA  
ENVIADA ESPECIAL AO PARÁ

O Pará é um emblema tanto da exploração sexual infantojuvenil quanto do enfrentamento do problema.

Mas, uma década depois da instalação de uma CPI para investigar, no Estado, essa que é a forma mais perversa de violência sexual, o crime continua marcando o lugar, mesmo praticado à sombra.

Nordeste e Norte são as regiões com mais denúncias de violação sexual. O Pará, em especial, reúne características que favorecem a exploração infantil e complicam seu combate, afirma Assis da Costa Oliveira, professor de direitos humanos da Universidade Federal do Pará.

Mão de obra masculina atraída para grandes obras, como Belo Monte, infla o negócio do sexo. E a fronteira com o Suriname é porta de saída para o tráfico sexual.

#### FRANGO E CARNE

O fluxo de balsas que levam caminhões de Manaus a Belém alimenta a prostituição de crianças que vivem nas palafitas à beira dos rios.

“Eu pegava a canoa e saía com as amigas para agarrar as balsas no meio do rio. Quando a balsa passava devagar, a gente remava atrás e lançava com corda, prendia no cabecote da balsa e os homens ajudavam a puxar o casco para a gente subir”, conta Francisca Paes, 31.

Ela diz que começou aos 15 a fazer sexo com motoristas embarcados em troca de “frango, carne, o que eles tinham”. Teve seu primeiro filho com essa idade. Tem cinco, “um de cada pai”. A mais nova tem menos de dois anos.

“Todos os pais dos meus filhos, conheci na balsa”, diz.

Caminhoneiros e tripulantes das balsas, nessa região, “ficam um período grande sem ter relação sexual, e muitos se tornam clientes e exploradores”, diz o delegado Rodrigo Amorim, que até janeiro atuava em Melgaço, município no arquipélago de Marajó com o pior IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do país. O lugar é banhado pelo rio Tajapurú, que escoia 90% da navegação de Manaus e do Amapá.

É o ponto mais estreito da rota fluvial Belém-Manaus, o que permite a crianças, em canoas, chegar com facilidade às balsas. É comum ouvir as “uivando” para chamar a atenção dos homens.

As “balseiras”, como são conhecidas no jargão local as meninas que se prostituem, são pagas com alimentos, roupas, trocados. O combustível para motores de barcos, meio de locomoção dos ribeirinhos, é outra moeda forte.

“O subterfúgio é que sobem na balsa para vender produtos típicos. Quando chegam lá, a história muda”, afirma Amorim.

“Às vezes, a gente levava camarão e açaí para vender. Outras, não levava nada”, conta Francisca. Diz que deixou de ser balseira. “Hoje vivo de Bolsa Família e da limpeza de uma ou outra casa.”

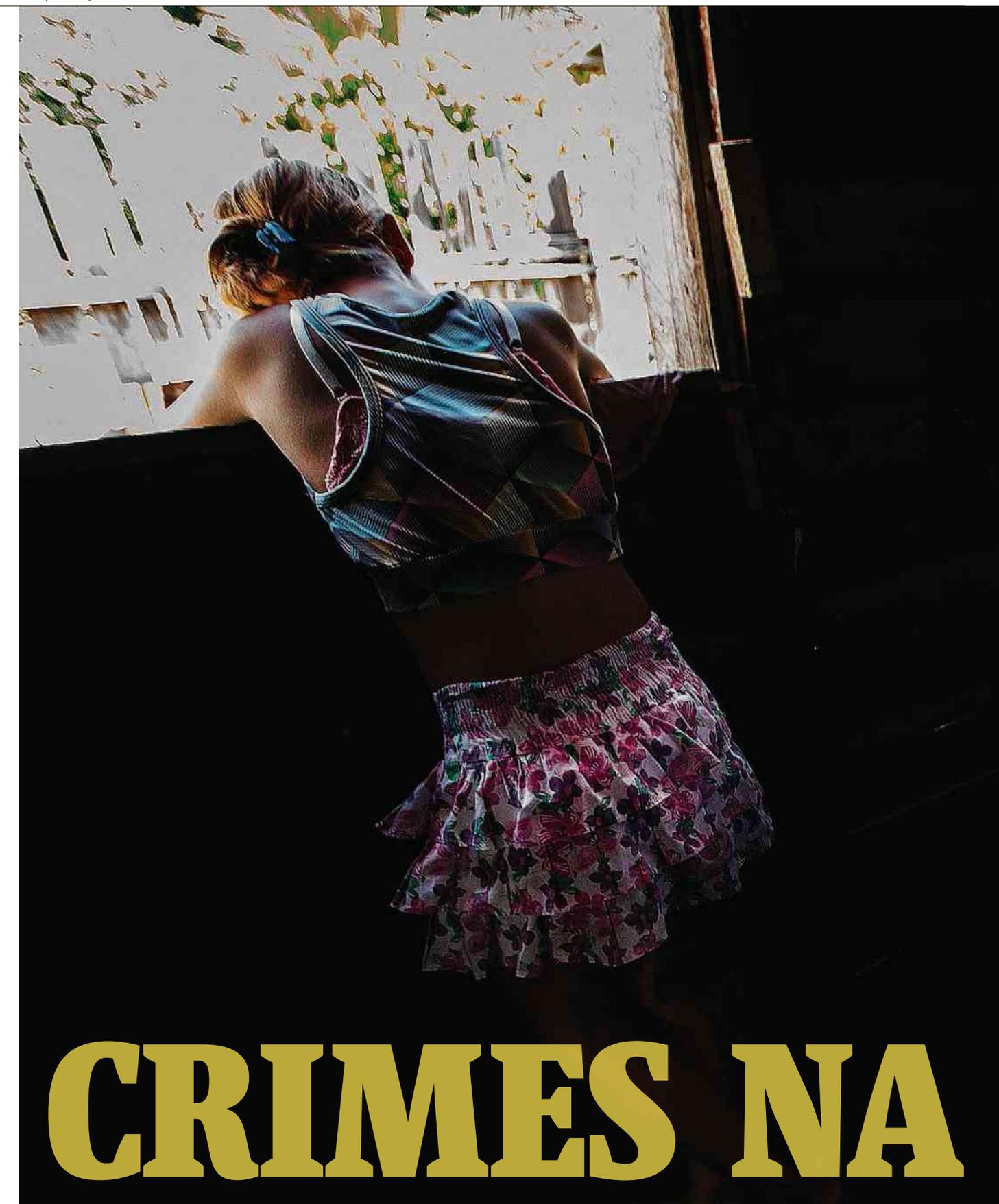
A professora Alice Dias, de Melgaço, conta histórias de alunas que sonham “encontrar o príncipe na balsa”, um caminhoneiro que as leve.

Em 2016, uma ação policial ali resgatou uma garota de nove anos de dentro da balsa, oculta sob um caminhão.

“Ela foi levada para fazer exame, e deu positivo. Os pais foram responsabilizados, mas não resultou em nada”, diz o delegado Amorim.

Entre os passageiros, quatro foram detidos, mas liberados após decisão judicial.

Uma semana depois, em outra ação no local, o delega-



# CRIMES NA

Vulnerabilidade geográfica, social e econômica faz do Pará um desafio ao combate da exploração sexual de crianças e adolescentes; conheça o drama das meninas à beira dos rios

do Amorim diz ter encontrado a mesma menina em uma canoa recebendo um pacote de biscoito arremessado do alto de uma balsa. Em outra canoa estava o pai dela levando galões de gasolina. A suspeita é que a criança tenha voltado a ser explorada em troca do combustível.

“Todo mundo nessa beira de rio sabe para que essas meninas sobem na balsa. Pode ser que os pais não mandem elas irem, mas não tem ribeirinho que não saiba.”

Amorim considera as ações policiais insuficientes. “Tem que haver apoio social do Estado. A perenidade vem com políticas públicas. Não tem escola, saneamento, energia. É uma região alagada”, diz.

A Pro Paz, fundação do governo do Pará voltada a crianças e adolescentes, diz desenvolver iniciativas específicas para o rio Tajapurú.

Jorge Bittencourt, presidente da Pro Paz, aponta ações conjuntas de Ministério Público, Ministério Público do Trabalho, Tribunal de Justiça e Segurança para empresas de navegação.

“Há avanço. Um Termo de Ajuste de Conduta de 2014

conseguiu tipificar o crime e autuou empresas de navegação. Algumas já têm câmeras para que crianças e terceiros não acessem embarcações.”

Bittencourt também diz que, desde 2016, tem feito um levantamento das famílias da região para aprimorar o atendimento e a conscientização.

Em nota, a Secretaria de Segurança e Defesa Social do Pará afirma que foram desenvolvidas ações recentes de conscientização de crianças e adolescentes da rede municipal de ensino com a parceria de entidades como OAB, Pro Paz, prefeituras, CNBB e Ministério Público Federal.

Na última dia 11, a Folha abordou F., 11, que remava em uma canoa após a passagem de uma balsa no Tajapurú. Levava um saco com duas cebolas, dois tomates e dois maracujás, que diz ter sido doação jogada pelos tripulantes.

#### SERVIÇO DELIVERY

No asfalto, a exploração infantil se repete mais ao sul de Marajó, no território do Baixo Tocantins, impulsionada, também, por pobreza e famílias disfuncionais.

Um dos locais reconheci-

dos como ponto de exploração em Cametá funciona em frente a um posto da Polícia Militar, onde mulheres e adolescentes aguardam mototaxistas contratados por clientes para levá-las como em um serviço de delivery.

Entidades que atuam no combate a esse crime, como o Movimento de Emaús, lançaram campanha para alertar mototaxistas sobre sua responsabilidade na cadeia de exploração.

“São parceiros estratégicos. Eles que levam as meninas. Explicamos que não precisamos se expor, é só ligar e denunciar”, diz Celina Hamoy, advogada do Centro de Defesa da Criança e do Adolescente da República de Emaús.

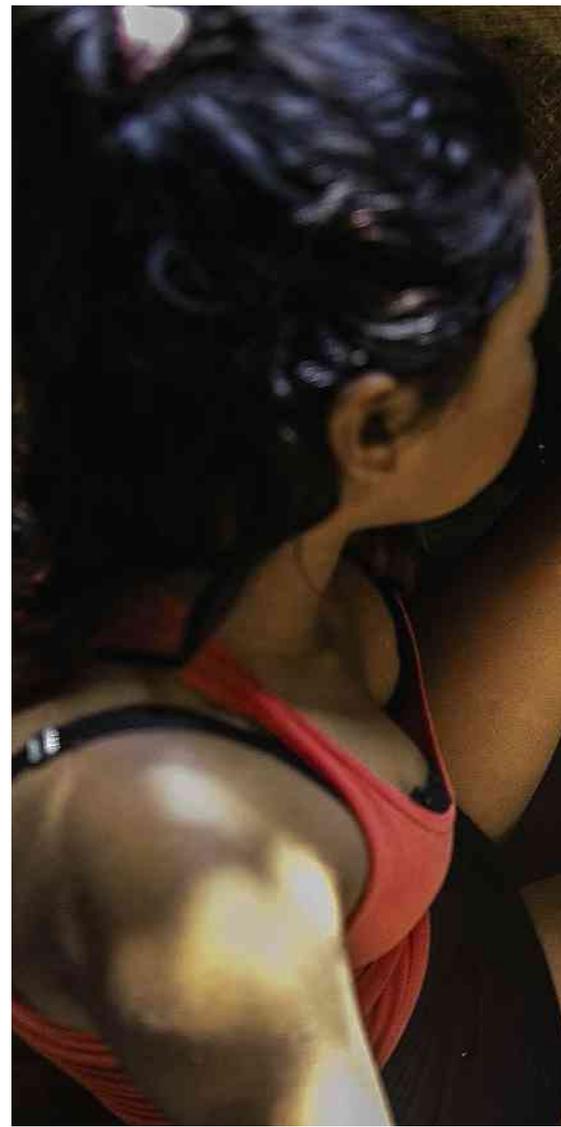
A rede de exploração envolve muita gente. “São empresários, políticos, professores. É comum achar aliciadoras mulheres, que têm facilidade de se aproximar de meninas vulneráveis”, diz o conselheiro tutelar Almiro Leão, que atua em Cametá.

#### BISCOITO, REFRIGERANTE

Nesse mercado, a demanda é por meninas cada vez mais novas, segundo Leão.

“Nas entrevistas que fiz com meninas percebi que esses criminosos procuram a muito jovens porque, se elas estão começando a vida sexual, têm menor chance de contaminação por doenças sexualmente transmissíveis.”

A violência deixou sequelas em V., 15. Há dois anos, a polícia prendeu em flagrante seu agressor, de 75. Era dono de um comércio no qual a



As irmãs P., 18, e V., 15, na casa onde moram na periferia de Cametá, município do Pará



**171%**  
É O ÍNDICE DE  
**CRESCIMENTO DA  
VIOLÊNCIA SEXUAL  
CONTRA CRIANÇAS E  
ADOLESCENTES NO BRASIL  
EM UMA DÉCADA;  
É A MAIOR ALTA DA  
AMÉRICA LATINA\***

# SOMBRA

\*Fonte: Childhood Brasil

Fotos Marlene Bergamo/Folhapress



A garota T., 13, acorrentada pelos pais para evitar que fuja de casa

mãe da menina a mandava ir buscar margarina com frequência. Mesmo sem dinheiro, ela costumava voltar para casa com açaí e pães.

No depoimento à assistência social, V. descreveu sessões de sexo oral e genital com o comerciante.

A violência durou dois meses. A menina conta que ele a ameaçava de morte e, uma vez, prometeu lhe dar R\$ 100 em troca de sexo anal. À **Folha** ela disse ter recebido R\$ 22, com os quais comprou biscoito e refrigerante.

“Ele fez tudo comigo. A polícia chegou. Fiz o exame, não era mais virgem”, disse ela em frases desconexas, oscilando entre choro e sorriso envergonhado, entrelaçando os dedos das mãos nos pés.

A mãe perdeu a guarda da filha, e V. agora vive com o pai. Seu agressor ficou preso por quatro meses.

Para Celina Hamoy, é bom avaliar a situação de cada família antes de culpá-la. “Há meninas que praticam sexo para ter o que comer. Já vimos famílias que não percebiam a exploração. A mãe achava que o homem estava ajudando a filha.”

## ACORRENTADA

Quando o padrão é a rede organizada, a exploração sexual não vem só. “Abrange drogas e até o tráfico humano para fora do país pela fronteira”, diz a freira Marie Henriqueta Cavalcante, que é coordenadora da Comissão de Justiça e Paz da CNBB e uma das principais lideranças no combate à violência sexual

contra crianças no Pará.

O vício, como sempre, ajuda o explorador a manter novas refêns. Assim foi com T., 13, usuária de “limão”, como ela chama a pasta-base de cocaína. No Carnaval de 2016, uma aliciadora a abordou em uma festa de rua, apresentando-se como “Cica”. T. e outra garota, S., foram levadas por “Cica” a uma casa em uma área rural perto de Cametá, onde foram recebidas por um homem apelidado de “Pite”.

Ele ofereceu drogas e álcool às duas meninas e fez sexo com elas na primeira noite. A partir dali, elas ganharam apelidos, como os outros membros da rede.

Nos meses seguintes, continuaram se encontrando com “Cica” para serem levadas à casa onde “Pite” passou a vender droga às meninas. Para pagar, elas precisavam fazer sexo com homens idosos apelidados de “Doca”, “Sátiro”, “Buqueka”, “Boluta” e “Berê”, entre outros, de acordo com relato feito ao Conselho Tutelar.

T. disse em depoimento que chegou a ter dez relações sexuais com homens diferentes em um dia e a ficar machucada. Como a menina já não voltava para casa após as noites de droga e sexo, os pais pediram ajuda ao Conselho Tutelar. A exploração parou em junho. Ela foi atendida e levada ao abrigo em Cametá, onde ficou três meses. Os envolvidos estão livres.

T., hoje dependente química, voltou para casa dos pais, lavradores. Apesar da violência que sofreu, ela diz que

gostaria de ir morar com a aliciadora, porque ela lhe dava “liberdade”, diferentemente de seus pais.

Sem recursos para desintoxicar T. e impedir que volte a se prostituir, a família a submete a outra violência.

Na última semana, a **Folha** a encontrou com os pés presos por corrente e cadeado na casa de madeira sem banheiro onde mora com pais, cinco irmãos e três sobrinhos. A fossa divide espaço com galinhas no quintal.

A corrente impede que ela fuja atrás de droga, diz o pai.

Almiro Leão, conselheiro que atendeu T., diz ter denunciado o caso, sem resultado.

A promotora Patrícia Medrado afirma que o Ministério Público tem se esforçado para cobrir todas as comarcas do Pará com promotores titulares. Nas promotorias pelas quais responde, diz, todos os casos que surgiram foram encaminhados. Mas ela reconhece que violência sexual contra menores é “um câncer” naquela região. “É muito grande a quantidade de denúncias. São lugares de difícil acesso. Tudo é feito de barco”, diz Medrado.

Leão, o conselheiro tutelar, lamenta que não tenha sido decretada a prisão de ninguém até hoje, no caso dessa vítima acorrentada dentro de casa. Ele lamenta, mas não estranha. “É normal. De cada dez denúncias que já formalizei, só duas ou três terminaram em prisão.”

» LEIA MAIS e VEJA MAPA nas págs. 4 e 5

DA ENVIADA ESPECIAL AO PARÁ

As irmãs B., 12, e G., 16, sofreram abuso sexual do padrasto por mais de dois anos, até ele ser denunciado por vizinhos. A garota menor tem um bebê de seis meses e a mais velha, um de sete meses, filhos do agressor.

Elas vivem num vilarejo distante cerca de uma hora de carro do centro da cidade de Cametá, na região do Baixo Tocantins, no Pará.

O abusador agora está preso. A mãe perdeu a guarda das filhas, mas, hoje, vive na mesma casa onde elas moram, com a tia.

Abuso e exploração são os tipos de violência sexual contra crianças e adolescentes mais comuns no Brasil. Para alguns especialistas no tema, estão relacionados.

“Em quase todos os casos, a menina foi abusada e acabou indo para a exploração”, afirma a advogada Celina Hamoy, do Cedeca-Emaús (Centro de Defesa da Criança e do Adolescente), em Belém.

Muitas crianças não reconhecem o crime como uma violação que deve ser denunciada, segundo a freira Marie Henriqueta Cavalcante, coordenadora da Comissão Justiça e Paz da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) no Pará.

A dificuldade em reconhecer os sinais do abuso pode prolongar a violência. Além disso, o agressor costuma obter o silêncio com ameaças.

Para ajudar no reconhecimento dos casos, a freira visita semanalmente as entranhas do Pará, do Amapá e do Amazonas capacitando conselheiros tutelares e ensinando crianças a exigir que seus direitos sejam respeitados.

#### SINAIS

Gravidez, doenças sexualmente transmissíveis e dores na região genital são os sinais mais óbvios de que a criança sofreu abuso.

“Mas também é preciso estar alerta para indicadores comportamentais, como depressão, isolamento, choro sem causa aparente, preocupação exagerada com a limpeza do corpo e fugas de casa”, diz ela.

Também é recorrente que a vítima desenvolva uma sexualidade precoce e exagerada, como masturbação excessiva, segundo a coordenadora da Comissão Justiça e Paz.

Há casos em que a mãe, ao descobrir que a filha foi molestada pelo padrasto, expulsa a menina de casa, expondo-a ao perigo de ser aliciada por redes de prostituição.

Foi um risco do qual L., 17, escapou. Ela conta que nem se lembra mais em quantas casas de famílias acolhedoras morou depois de ter sido usada por anos como objeto sexual pelo padrasto. Após a denúncia, como em tantos outros relatos, acabou sendo rejeitada pela mãe.

“As pessoas dizem que eu fui muito forte por não ter caído na vida, como acontece com tantas meninas, mas eu me sinto muito frágil depois do que aconteceu”, diz ela.

Essa violência destrói a autoestima da vítima e a faz ver a prostituição como único futuro, segundo Hamoy. “Foram abusadas muito cedo por padrasto, pai, irmão. Tentamos mostrar a elas que há outras oportunidades.”

(JOANA CUNHA)

C., 11, na casa de palafita da família em Muaná, no Pará

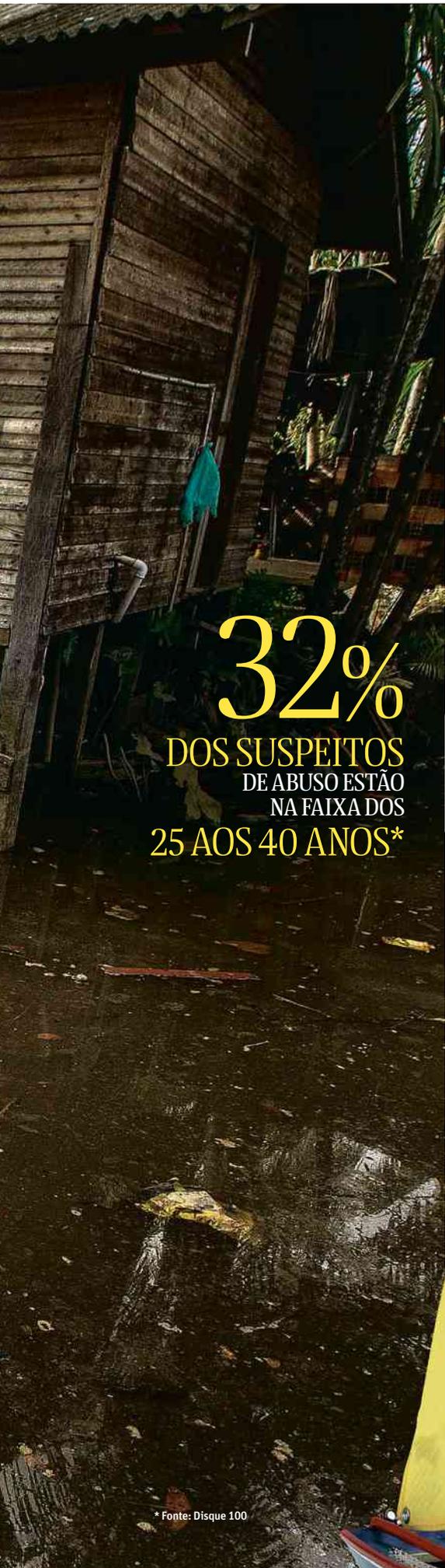
# INIMIGO ÍNTIMO

Violência sexual contra crianças mais denunciada no Brasil, o abuso é com frequência cometido por parentes ou pessoas próximas da vítima e pode ser um ponto de partida para a exploração



Bar no centro de Cametá, no Baixo Tocantins





**32%**  
**DOS SUSPEITOS**  
 DE ABUSO ESTÃO  
 NA FAIXA DOS  
**25 AOS 40 ANOS\***

\* Fonte: Disque 100



Francisca Paes, 31, em Ponta Negra, no arquipélago do Marajó; abaixo, menina observa balsa

Fotos Marlene Bergamo/Folhapress



**PONTOS DE RISCO**  
 Meninas fazem sexo com tripulantes e passageiros de balsa em troca de comida, combustível ou dinheiro

1. Breves
2. Melgaço
3. Portel
4. Curralinho
5. Ponta Negra
6. Muaná
7. Belém



**COMO IDENTIFICAR SINAIS DE ABUSO SEXUAL INFANTOJUVENIL**

**MUDANÇAS DE COMPORTAMENTO**

alterações de humor, agressividade repentina, vergonha excessiva e pânico

**SILÊNCIO**

para manter o silêncio da vítima, o abusador faz ameaças e chantagens

**MARCAS FÍSICAS**

sinais de agressão, doenças sexualmente transmissíveis e gravidez são as manifestações mais óbvias e podem ser apresentadas à Justiça

**SINAIS PSICOSSOMÁTICOS**

problemas de saúde sem aparente causa clínica, dores de cabeça, erupções na pele, dificuldades digestivas e problemas de fundo emocional

**DESEMPENHO ESCOLAR**

queda injustificada na frequência escolar, no desempenho e na aprendizagem

**NECESSIDADE DE LIMPEZA**

excesso de banho e uso de produtos para higienizar o corpo



Rio Tajapuru, no arquipélago de Marajó

# O LEGADO DA COPA

Risco de violação de vulneráveis cresce em eventos esportivos e grandes festas; plano de prevenção foi testado no Mundial do Brasil

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Em grandes eventos esportivos e culturais, como Copa do Mundo e Carnaval, aumenta o perigo de exploração de crianças e adolescentes.

Os números são imprecisos, mas não impedem a análise dos fatores de risco e a elaboração de estratégias para enfrentar o problema.

Essas são conclusões de uma pesquisa da Universidade Brunel, de Londres, sobre a relação entre o Mundial e a exploração sexual de crianças e adolescentes.

A pesquisa foi usada pela Childhood Brasil para criar um programa de prevenção e proteção nas cidades-sede da Copa 2014, realizado em conjunto com órgãos e gestores públicos, organizadores do evento e sociedade civil.

“É preciso colocar todos os envolvidos em grandes eventos trabalhando junto e de forma preventiva”, diz Heloisa Ribeiro, diretora-executiva da Childhood Brasil.

No ano da Copa no Brasil, o Disque 100 recebeu 15,6% mais denúncias de violações contra crianças e adolescentes do que no ano anterior, segundo Ribeiro. Só em São Paulo, foram 799 denúncias de exploração sexual infantil, contra 271 em 2011.

“Verificamos aumento de casos em cidades que não são destino de turismo sexual, mas que eram sedes de jogos. Nas que já eram destino, houve recuo de denúncias específicas de turismo sexual, talvez porque as ações estavam mais visíveis e a rede atuou de forma mais silenciosa”, diz Irina Bacci, ovidora do Ministério de Direitos Humanos.

“Além da suposta invisibilidade da exploração, há também a questão da flutuação dos casos: recebemos a denúncia, mas, quando é feita a verificação, o caso não se encontra mais no local”, diz Paula Caldas, da Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos do Rio.

## Viagens de negócios pesam mais no turismo sexual infantojuvenil

BRUNO MOLINERO  
DE SÃO PAULO

Pesquisa da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa aponta que cerca de 250 mil pessoas viajam todos os anos para o exterior para ter relações sexuais com crianças e adolescentes.

Um relatório da ONG Ecpat —que combate a exploração sexual em 86 países— diz que o número, apesar de alto, pode ser substimado, pois não contabiliza o agressor que viaja dentro de seu país.

A subnotificação resulta também da dificuldade de denunciar quem já saiu da cidade, do Estado ou até do país onde cometeu o crime.

Para a Ecpat e a Childhood Brasil, os crimes são cometidos principalmente em deslocamentos a trabalho —motoristas ou trabalhadores de companhias aéreas, por exemplo, que pagam por relações sexuais com crianças. “É o turismo de negócios, de pessoas sozinhas, que impacta as estatísticas”, diz Eva Cristina

Durante a Copa, pelo menos uma denúncia importante deu resultado. Investigações da Delegacia da Criança e do Adolescente feitas no bar Balcony, na praia de Copacabana, flagraram menores de idade, entre elas uma menina de 13 anos, negociando programas sexuais.

“A denúncia culminou no fechamento do bar e em uma ação de sensibilização em hotéis, bares e restaurantes da zona sul”, conta Caldas.

### RISCOS PREVISÍVEIS

O maior fluxo de turistas é a primeira preocupação em relação aos megaeventos.

“O Brasil está na rota da exploração sexual, as redes com vínculos no exterior atuam aqui o ano todo. Festas e eventos potencializam a ação dessas redes”, diz Bacci.

O estudo da Universidade Brunel mostra que o problema já começa nos preparativos para o evento. O ritmo das construções, com a chegada de trabalhadores separados de suas famílias, e o deslocamento de crianças para locais desconhecidos são situações que criam um ambiente propício a esse tipo de violência.

Quando o estádio do Corinthians estava sendo construído para a Copa foram registradas ocorrências de exploração de meninas nas áreas vizinhas ao canteiro de obras.

O caso do Mundial é emblemático porque um programa de prevenção e ação foi estruturado. “Foi a primeira vez na história do campeonato que a questão da proteção da criança entrou na organização dos jogos”, afirma Ribeiro, da Childhood.

Foi o legado da Copa, segundo Cláudia Vidigal, secretária nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente.

“A mobilização foi um alerta e criou uma metodologia de ativação da rede de proteção à criança e ao adolescente para ser replicada em todos os grandes eventos.”

(IARA BIDERMAN)

Dengler, da Childhood.

Segundo o Ministério do Turismo, há maior dificuldade de fiscalização em postos de gasolina ou pequenas hospedagens do que em hotéis.

“Por que se preocupar em passar por seguranças do hotel, se você pode ir a uma pousada na estrada ou usar um aplicativo de hospedagem?”, questiona Dilson Jatthy, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis.

Já o aplicativo Airbnb informa que trabalha “em conjunto com a Interpol e o Departamento de Homeland Security dos EUA”, entre outros, para ajudar a capacitar seus funcionários tanto na identificação como na prevenção desses tipos de crime.

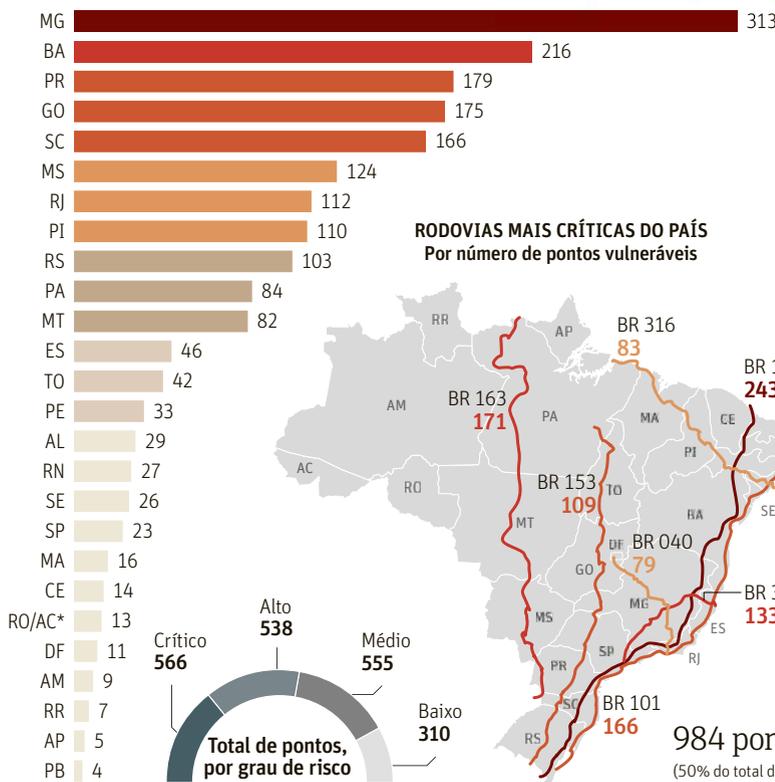
Como ainda não foi regulamentada, a empresa está hoje fora das ações do governo. “Mas já fizemos reuniões sobre o tema com a equipe no Brasil”, diz Isabel Barnasque, do Ministério do Turismo.

“O segredo é replicar o modelo de hotéis nas pousadas e no Airbnb”, afirma Dengler.

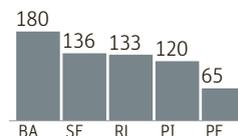


### CARGA PERIGOSA

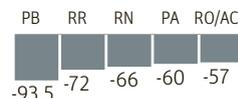
Pontos vulneráveis de prostituição infantil nas rodovias federais



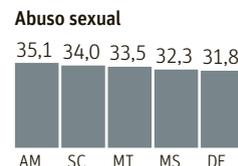
Onde o problema mais cresceu, em %\*\*



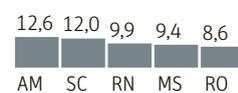
Onde o problema mais diminuiu, em %\*\*



ESTADOS COM MAIS CASOS, POR 100 MIL HABITANTES



Exploração sexual



## Estudo mostra 2 mil pontos vulneráveis nas rodovias do país

Caminhoneiros alimentam cadeia de exploração, mas cultura está mudando

DHIEGO MAIA  
DE SÃO PAULO

As rodovias federais brasileiras têm 1.969 pontos vulneráveis à exploração sexual infantil, de acordo com a Polícia Rodoviária Federal.

A contagem mais atual foi feita entre 2013 e 2014 e localizou um número 11% maior de locais em relação ao biênio anterior. Operações policiais nos últimos dez anos resgataram 4.321 crianças e adolescentes nessas áreas.

A exploração na beira da estrada pode estar escondida em uma barraca de alimentação ou no pátio de um posto de combustível, diz o policial Igor Carvalho, presidente da Comissão Nacional de Direitos Humanos da PRF.

“É fácil identificar. Onde tem prostituição, tráfico de drogas e crimes violentos também tem criança sendo explorada”, diz.

Sete grandes eixos rodoviários concentram a metade dos lugares onde ocorre violência sexual (veja mapa).

As vítimas, na maioria, nasceram em famílias desestruturadas e com baixa escolaridade. “Crianças são tiradas do seio familiar por uma rede especializada de aliciadores que prometem a elas melhores condições de vida”, afirma Carvalho.

A meta da corporação é auxiliar governos estaduais a monitorar seus próprios pontos vulneráveis. Único Estado que já tem seu mapa, Pernambuco contou 1.300 pontos suspeitos em 7.000 quilômetros de estradas.

A Childhood Brasil pesquisa, há dez anos, o papel de caminhoneiros nesse drama. Em 2015, de 680 motoristas entrevistados, 13% afirmaram já ter feito sexo com menores de 18 anos. Em 2005,

a parcela chegava a 37%.

“No passado, quando o caminhoneiro era abordado para um programa sexual infantil, entendia que era normal e que estava até ajudando a vítima. Hoje, sabe que é crime”, diz Eva Dengler, gerente de programas empresariais da Childhood.

A mudança tem ocorrido nas empresas, segundo entidades do setor. “O caminhoneiro sai do pátio muito bem orientado a não parar nos pontos vulneráveis”, diz José Helio Fernandes, presidente da NTC&Logística, que representa 3.000 transportadoras.

A falta de estrutura nas estradas favorece o crime, na visão de Pedro José Lopes, presidente da Associação Brasileira de Logística e Transporte de Carga. “Os pátios são abertos, sem iluminação adequada. Exposto e desassistido, o profissional cai nesse tipo de situação.”

A Federação dos Caminhoneiros Autônomos do Estado de São Paulo, com 250 mil cadastrados, reconhece que a classe movimenta a cadeia da exploração sexual infantil.

Para a entidade, o antídoto está na educação. “Tanto o novo motorista como o veterano tem passado por capacitação em direitos humanos”, afirma o diretor, Haroldo Christensen.

Com 145 postos de atendimento nas maiores rodovias e cursos, o Sest (Serviço Social do Transporte) e o Senat (Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte) trabalham para fazer do caminhoneiro um agente de proteção da infância, segundo a diretora Nicole Goulart.

“A informação qualificada tem tornado muitos deles denunciantes de violações contra as crianças. Mas é um trabalho de formiguinha.”

**1.969** são os locais propícios à exploração sexual infantil nas rodovias federais

**470** cidades concentram 56% de pontos críticos e de alto risco

**4.321** crianças e adolescentes foram resgatados entre 2005 e 2014

**408** locais críticos estão em postos de combustíveis em zonas urbanas

### VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

#### ABUSO

##### PERFIL DAS VÍTIMAS

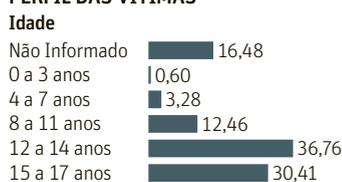


##### PERFIL DOS SUPEITOS



#### EXPLORAÇÃO

##### PERFIL DAS VÍTIMAS



##### PERFIL DOS SUPEITOS



\*Dados dos dois Estados foram agrupados. \*\*Do biênio 2011/2012 para o 2013/2014. Fontes: Polícia Rodoviária Federal e Disque 100

# ESTIMA-SE QUE A CADA 24 HORAS 320 CRIANÇAS E ADOLESCENTES\* SÃO EXPLORADOS SEXUALMENTE NO BRASIL.

EXPLORAÇÃO SEXUAL  
DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES.

OS NÚMEROS ASSUSTAM.  
UM NÚMERO SALVA.  
DISQUE 100.

DENUNCIE. É ANÔNIMO.  
SUA ATITUDE PODE SALVAR UMA VIDA.

BAIXE O APLICATIVO



APOIO:



\*BASE DE CÁLCULO: ESTIMATIVA DO TOTAL DE DENÚNCIAS AO DISQUE 100 ENTRE 2012 E 2015 (36.151 DENÚNCIAS), SEGUNDO O DISQUE 100. APENAS 7,5% DOS CASOS SÃO DENUNCIADOS. BASE DA ESTIMATIVA: PESQUISA NACIONAL DE VITIMIZAÇÃO (2013), SENASP, DATAFOLHA E CRESPI.

IMAGENS COM ATORES/ATRIZES CONTRATADOS.